

CONVERSÃO RELIGIOSA E MANUTENÇÃO E ATUALIZAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA CIGANA: ETNOGRAFIA COM CIGANOS CALONS NO RECÔNCAVO DA BAHIA

RELIGIOUS CONVERSION AND MAINTENANCE AND UPDATE OF GYPSY ETHNIC IDENTITY: ETHNOGRAPHY WITH CALONS GYPSIES IN THE RECÔNCAVO OF BAHIA

Maraísa Lisboa de Souza¹

RESUMO

O presente artigo aborda a relação entre conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana a partir de uma etnografia realizada com ciganos Calons no Recôncavo da Bahia. O estudo de campo se estendeu de 13 de fevereiro de 2016 até 15 de maio de 2017, tendo como metodologia um estudo etnográfico. Buscamos compreender como a conversão ao protestantismo de sujeitos, antes vinculados às religiões católica ou de matriz africana, impacta na sua identidade cigana tanto do ponto de vista interno (dos convertidos), quanto externo (dos não convertidos ou não ciganos).

PALAVRAS-CHAVE: identidade étnica; ciganos; conversão religiosa.

ABSTRACT

This article discusses the relationship between religious conversion and the maintenance and updating of ethnic Roma identity based on an ethnography carried out with Gypsies Calons in the Recôncavo da Bahia. We seek to understand how the conversion to Protestantism of subjects, previously linked to the Catholic or African-based religions, impacts on their Gypsy identity, both internally (of the converted) and external (of the non-converted or non-Gypsy).

KEYWORDS: ethnic identity; gypsies; religious conversion.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: maraisalisboa@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho é a identidade étnica, cujo universo de pesquisa são as populações ciganas no Recôncavo da Bahia. A problematização versa sobre a manutenção e atualização da identidade cigana num contexto de conversão religiosa ao protestantismo.

Nesse sentido, salientaremos, através da alteridade, o efeito identitário do protestantismo na vida dos ciganos convertidos. Destacaremos o que permaneceu da identidade e o que foi atualizado.

Destacamos como “lócus” de investigação o Recôncavo baiano, para isso tomamos como universo empírico grupos de ciganos sedentários residentes na cidade de Cruz das Almas, município brasileiro, do estado da Bahia, localizada no Recôncavo Sul, distanciando-se 146 quilômetros da capital do estado, Salvador, à qual está ligada pela BR-101 e BR-324. De acordo com o censo de 2014 (IBGE), a estimativa da população cruz-almense, em 2015, era de 64.197 habitantes, além dos 15 mil moradores flutuantes, aproximadamente, residentes na cidade, para cursar o Ensino Superior.

A cultura cigana ou “ciganidade”² é aquela que se diferencia das demais pelas suas especificidades, tais como, os vestidos das mulheres ciganas, o uso do ouro, a utilização do pente para prender o cabelo, o modelo de comércio praticado, entre outras. Ratificamos que essa é a cultura cigana manifestada e evidenciada entre os ciganos Calons na Bahia, mais especificamente no Recôncavo Sul baiano. Todavia, é importante salientar a existência de outras “ciganidades”. Outra característica percebida e peculiar aos costumes ciganos é a integração deles no contexto em que estão inseridos, principalmente, no que diz respeito à religião local, haja vista que os ciganos absorvem as religiões de cada país ou cidade onde estão residindo. Temos ciganos mulçumanos, católicos, ligados

² O termo que uso, “ciganidade”, é definido por Shimura (2017) “como a qualidade, modo de ser ou ‘estado’ cigano, o que nos permite explorar o seu sentido antropológico, isto é, a identidade e ‘cultura cigana’”. Com relação à “ciganidade” podemos tomar como exemplo o município de Souza-PB, onde as ciganas já não usam os vestidos que as ciganas da Bahia usam e nem os adornos em ouro, até mesmo pela condição financeira, nesse sentido, temos várias identidades ciganas ou “ciganidades”.

às religiões de matriz africana, ciganos protestantes e a outras religiões predominantes nos países onde eles se encontram. Destacamos que o pentecostalismo chegou aos ciganos na Europa em meados do século XX, salientando a Igreja Filadélfia como referência das igrejas protestantes ciganas.

Sayão (1999, p. 87-88) ainda frisa que:

O panorama religioso brasileiro tem passado por grande transformação nas últimas décadas. O país, tradicionalmente católico, viu mudanças significativas. Enquanto a religião dominante perdeu sua preponderância, grupos minoritários como os sem-religião, umbandistas, kardecistas, protestantes e evangélicos têm crescido proporcionalmente em relação à população. Dentre estes grupos, os pentecostais são os que têm crescido de maneira mais surpreendente. Sendo apenas 9,5 dos protestantes brasileiros em 1930 (porcentagem ainda menor se fossem incluídos os luteranos), os pentecostais alcançaram a taxa de 65,2% em 1964, 76,2% em 1974, e cerca de 87% em 1995. Conforme observa Regina Novaes, os evangélicos que eram cerca de 13% da população pelo censo de 1991 devem compor hoje de 16 a 18% do povo brasileiro³. Confirmados esses dados, temos 28 milhões de evangélicos (protestantes), sendo 24,3 milhões pentecostais, dos 165 milhões de habitantes do Brasil.

A aproximação com o grupo de ciganos em estudo não foi tão difícil, já que também sou evangélica. O primeiro contato com o grupo ocorreu na igreja, porém, inicialmente, houve uma desconfiança, ou talvez, curiosidade para entender a intencionalidade de terceiros na busca de tanta informação. Fiz o primeiro contato com o pastor cigano e sua esposa, em seguida, fui conversar com os outros ciganos evangélicos que estavam na igreja. Ouvi as experiências deles, no entanto, por ser evangélica, muitas vezes, senti dificuldade em perceber alguns aspectos ligados à religião protestante com neutralidade.

Não obstante, dois fatores foram favoráveis para que tivesse acesso ao campo de estudo: ser evangélica e ainda estar casada, uma vez que a mulher solteira é vista como

³ FERNANDES, R. C. *et. al.* *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 7.

ameaça ao casamento das ciganas, principalmente, as não evangélicas, pois a cultura cigana, no contexto estudado, dá permissão ao homem cigano para ter várias mulheres não ciganas ou “jurin”, conforme eles denominam.

O Censo 2010 do IBGE constatou a existência de 800 mil ciganos, espalhados em 291 acampamentos, nos 5.565 municípios brasileiros. Concentrados, principalmente, no litoral das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, destacando-se o estado da Bahia, com o maior número de grupos. Porém, esses dados não são precisos, já que muitos deles têm uma vida itinerante e o IBGE não faz registros de identidade étnica⁴, apenas de identidade social⁵, como Mirian Alves Souza (2012, p. 1) aponta:

Os ciganos podem ser encontrados em todo o território brasileiro e nos diferentes níveis do espectro social. Embora não existam estatísticas confiáveis, uma vez que o censo brasileiro não permite o registro de identidades étnicas, apenas de identidades raciais, as estimativas do número de ciganos no Brasil variam de 800 mil a 1 milhão, números que não devem ser vistos como reflexos diretos de realidades demográficas ou identitárias, mas sim como um artefato discursivo que reflete a busca de afirmação e o reconhecimento dos ciganos como parte integrante da narrativa nacional brasileira.

Conforme supracitado, o Brasil, infelizmente, não faz registro de identidade étnica, dificultando conhecer o número exato de ciganos na Bahia e, conseqüentemente, na cidade de Cruz das Almas, onde ocorreu a pesquisa.

Para alcançar os objetivos da investigação, compreender o impacto da conversão religiosa sobre a manutenção e atualização étnica cigana, desenvolveu-se uma pesquisa etnográfica, utilizando-se das técnicas de observação participante, diário de campo e entrevistas individuais semiestruturadas com ciganos convertidos ou não convertidos e não ciganos convertidos ou não convertidos ao protestantismo. Foram realizadas vinte e

⁴ Segundo o antropólogo norueguês Fredrik Barth (1994), a identidade étnica se expressa pelo ato de um grupo poder contar “com membros que se identificam a si mesmos e são identificados pelos outros”.

⁵ Identidade social é o sentimento de um indivíduo para enquadrar-se (pertencer) a um determinado grupo social (segmentos, categorias), possuindo características e desejos semelhantes a outros indivíduos. Teoria formulada pelos psicólogos sociais Henri Tajfel e John Turner.

cinco entrevistas, com tempo médio de 20 a 45 minutos de duração, no período de 13 de fevereiro de 2016 a 15 de maio de 2017. Entre os entrevistados estão os ciganos evangélicos e não evangélicos, bem como não ciganos evangélicos e não evangélicos. Foram identificados e selecionados informantes-chave (ego) e pessoas a serem entrevistadas sobre os temas em estudo, assim como foram produzidos registros visuais (fotografias) dos diferentes momentos do processo do estudo. As entrevistas foram guiadas por um conjunto de tópicos relativos à identidade étnica cigana, à conversão dos ciganos ao protestantismo e suas implicações. É muito importante destacar que todas as pessoas entrevistadas neste estudo foram identificadas por codinomes, com o objetivo de preservá-las por questões éticas.

A CONVERSÃO DOS CIGANOS AO PROTESTANTISMO

A partir das entrevistas com ciganos convertidos, ficou perceptível que a conversão religiosa trouxe modificações para algumas atividades outrora desenvolvidas por eles. As ciganas, por exemplo, ao se converterem, abandonaram um conjunto de práticas comuns no cotidiano delas, tais como, a leitura de mãos, uso e venda de figas, uso de fitas vermelhas no braço e outras que serão elencadas a seguir.

Ariane, com 36 anos na época da pesquisa, convertida, relatou sobre as práticas realizadas por ela antes da conversão.

- Quais práticas peculiares à sua cultura você tinha antes da conversão que após “aceitar a Jesus” acabou deixando de lado?
- Algumas práticas que eu tinha antes de conhecer a Deus?
- Isso!
- Usar folha de arruda, usar a figuinha, aquela figuinha de madeira, de osso...de dente de jacaré, pra evitar o olhado, o olho grosso né? Usava para evitar. Também usava uma fita vermelha amarrada no braço, também por causa do olho grosso, pra olhado! Tomar banho com sal grosso também era uma prática. Não comer ovo com banana... tipo... não comer comida forte e tomar banho, lavar o cabelo depois de comer, se não morria né? Isso tudo a gente tinha antes de conhecer Jesus.

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

A entrevistada destacou algumas crenças praticadas por um determinado grupo de ciganos não convertidos e que após a conversão religiosa foram abandonadas pelos ciganos convertidos. No Recôncavo baiano, é muito comum as ciganas andarem por feiras livres ou pelo centro da cidade vendendo figas e lendo as mãos das pessoas em troca de dinheiro. E, na maioria das vezes, elas utilizam uma fita ou um retalho de cor vermelha no braço para evitar o olho gordo.

No entanto, como consequência da conversão, homens e mulheres ciganos desprezaram tais práticas, assim como outras religiões não protestantes, como as de matriz africana, muito procurada para cura de enfermidades e vícios de drogas, e também o catolicismo. Com a conversão ocorre uma mudança de identidade, a qual, por sua vez, pode ser temporária ou perene.

Nesse sentido, a conversão é sinônimo de “mudança” e “transformação”. Gomes (2011, p. 157) salienta em seu artigo que:

Esse termo comporta uma ideia de transformação, tanto no nível das crenças como no nível das práticas. A dimensão de mudança de percepção do mundo representa de resto o único consenso que os investigadores em ciências sociais estabelecem em torno do conceito. A conversão evoca “mudança de coração”, “um processo de mudança do senso de realidade”, ou ainda, “um deslocamento da consciência em seu sentido aterrador”.

Alfredo Ferreira de Souza (2012), em seu artigo “Conversão: uma discussão sobre troca cultural e assimilação da religião cristã”, faz uma alusão a mudança e como a conversão ocorre do interior para o exterior, fato percebido ao considerarmos a linha de raciocínio dos entrevistados. Nesse sentido o autor ressalta:

A grande mola propulsora é a transmutação do espírito (anima) que apresenta como corolário uma nova visão dos hábitos cotidianos. Pensando no cotidiano, é quando muitas práticas locais são tidas como pecado sob a denominação de adultério, roubo, assassinato, infanticídio, antropofagia, feitiçaria etc. Significa dizer que para os missionários protestantes há primeiro uma “mudança interna”, para

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

consequentemente haver uma “mudança externa” (SOUZA, 2012, p. 90).

Hodiernamente, encontra-se muitos ciganos nas igrejas de Cruz das Almas/BA e no Recôncavo como um todo. Mas, a Primeira Igreja Batista e a Congregação Batista se destacam pelo número significativo de ciganos convertidos ao protestantismo, assim como, pela presença, inclusive, de um pastor cigano, integrante da igreja Batista, pastoreando os ciganos convertidos. Tal fato, só é observado em Cruz das Almas e na Igreja Filadélfia na Espanha e Portugal. E por ser algo singular no país essa pesquisa ganha o seu destaque.

Segundo Nunes (1981) o povo cigano adaptou, até aqui, as suas crenças às religiões dos países que os recebiam. Encontram, por isso, ciganos católicos, protestantes, ortodoxos ou muçulmanos, segundo os países onde se instalaram. Há, no entanto, um certo eclectismo nas crenças e práticas religiosas dos ciganos. A fé dos ciganos acomodou-se, guardando, porém, certos elementos da sua cosmologia e visão do mundo. Em Portugal são maioritariamente católicos até aos anos 70, até adoptarem as crenças e as práticas do movimento evangélico cigano, que se traduzirá na criação da Igreja Evangélica de Filadélfia de Portugal. O nome Filadélfia refere-se a uma das sete igrejas do livro do Apocalipse (apud SANTOS, 2001, p. 535).

Durante os cultos nas duas igrejas/congregações Batistas e I Igreja Batista, nota-se que as mulheres ciganas se destacam pelos sinais diacríticos, como o uso dos vestidos característicos, colares, anéis e brincos de ouro. Os traços diacríticos são sinais ou signos manifestos que escolhemos e exibimos na intenção de demonstrar ou representar nossa identidade e nos diferenciarmos de outros (BARTH, 1994).

Uma das minhas primeiras interlocutoras foi Cassandra, ela se converteu há mais de dez anos, tinha quarenta e cinco anos de idade na época em que foi entrevistada, é casada, tem dois filhos e faz parte da membresia⁶ do Templo Batista, onde o pastor cigano é seu irmão. Ela frequenta a igreja juntamente com suas cunhadas Ariane, Luana e seu

⁶Membresia refere-se àqueles que são membros da igreja.

irmão Caio, esse último vai aos cultos para acompanhar a esposa. Cassandra falou sobre o processo de conversão religiosa pelo qual passou, destacando alguns pontos:

- Fale-me sobre a sua conversão.
- Na verdade, minha irmã, Deus foi tratando a minha vida de uma forma tremenda, tirando todas as práticas que não convinha a uma mulher de Deus, sabe? Antes de me converter eu lia a mão, fazia essas coisas...tudo isso é espírito de engano, minha irmã... tudo isso é “espírito de engano”⁷. Que nada minha irmã... essas práticas são condenadas por Deus e o que não é de Deus é engano, coisas para ludibriar as pessoas.
- O que favoreceu para que você se convertesse? Tem um fato especial?
- Aconteceu, minha irmã, foi a cura do meu irmão, ele estava condenado de morte, os médicos falaram que ele iria morrer, mas Deus restaurou a saúde dele, pra glória de Deus! Ele bebia, agora não bebe mais, Deus transformou e trabalha em nossas vidas.
- Você praticava a leitura de mão?
- Antes de aceitar a Jesus eu fazia, vendia figa, eu lia a mão, eu vendia figa (risos). Mas aí minha irmã, é o ganha pão das ciganas, sabe? É o jeito delas viver, delas sobreviver, de ganhar dinheiro, e é a tradição mesmo, já nasce naquilo mesmo sabe? Os que vão nascendo vão se criando naquilo. Já li mão, já vendi figas...
- E após a conversão, você continua fazendo a leitura de mão e vendendo figas na rua?
- Eu deixei tudo isso, pra glória de Deus! Eu sei que agora eu já conheço a palavra, eu sei que tudo isso é espírito de engano, eu sei que isso aí é puro engano. É, minha irmã... Muitas pessoas, muitos brasileiros⁸ já veio pra eu ler a mão, depois de ser crente, e eu não li, aí eu disse. Não! Eu não leio mais a mão não! Eu sou cristã agora, aí eu digo, prego a palavra pra ele, digo: - Jesus te ama! Deus tem um plano na sua vida! Eu falo assim pra eles, aí ele fala: - Você é cristã? Aí eu digo: - Eu sou! Aí eles voltam com o dinheiro na mão. Eu sei que não é mais certo.

Como é possível comprovar na fala de Cassandra, os fatores determinantes para a conversão dela estão relacionados à melhora da saúde de seu irmão e abstinência no

⁷ O espírito de engano seria demônios que enganam as pessoas fazendo acreditar que as leituras de mão seriam verdadeiras.

⁸ “Brasileiros” é como os ciganos calons denominam que é cigano.

consumo de bebidas alcoólicas. Isso nos conduz à reflexão de como os entrevistados fazem a conexão, interligação entre religião, cura espiritual e física, estilo de vida e conduta, algo já observado em outros estudos sobre religiões tanto de matriz africana, quanto protestantes. Como foi supracitado, a cura é, sem dúvida, um dos fatores que mais induzem a conversão de ciganos, tanto no Brasil como no mundo. Essa afirmação é reforçada por Monte (2004, p. 3-4):

Até meados do século vinte, o evangelho não tinha tido muito impacto sobre o escasso milhão de ciganos nômades. Mas, em 1950 a cura miraculosa dum cigano em França, acendeu o despertamento que se mantém à volta do mundo e tem guiado mais de 500.000 ciganos a Cristo. O Pioneiro pentecostal, francês, Clement Le Cossec, baptizou, em 1952, os primeiros ciganos convertidos e iniciou a Missão Evangélica Cigana. Mais tarde ele escreveu que o despertamento estava marcado pelo poderoso mover do Espírito Santo.

A conversão implica no abandono de práticas consideradas prejudiciais para o corpo (como a bebida alcoólica, uso de drogas ilícitas), mas também para a alma (como a leitura de mãos e a venda de figas, interpretadas, pós-conversão, como “coisa do demônio”). Interessante, pois essas últimas práticas estão, tradicionalmente, associadas às mulheres ciganas, logo apresentamos a seguinte indagação: como a identidade cigana dessas mulheres se mantém e se atualiza num contexto em que tais costumes são extirpados? É o que veremos no decorrer do trabalho.

Ysis, de 30 anos (na época da pesquisa), casada, tem três filhos e participa tanto dos cultos da Primeira Igreja Batista, quanto do Templo Batista. Ela relata sobre as mudanças ocorridas na vida dela, após a conversão.

- O que você fazia antes de se tornar evangélica e ao se converter parou de fazer?
- Participava de festa dos casamentos de cigano, dançava muito nas festas, hoje já não faço mais isso. Sempre ia para o arraial⁹ aqui em Cruz

⁹ O Arraial é uma festa de tradição em Cruz das Almas, ela acontece no São João, e reúne milhares de pessoas. No arraial costumam vir vários cantores famosos e atrai muita gente, inclusive, os ciganos fazem questão de participar da festa.

das Almas, para festa de São João, agora não vou mais. Comia as comidas de São João, eu não tenho mais superstições que eu tinha antes, nada oferecido eu não como. Na quaresma, na Semana Santa, eu fazia, caruru, vatapá e peixe, hoje o que tiver pra fazer eu como, não tenho essa superstição de não comer carne na quaresma.

- O que você passou a fazer após a conversão que não fazia antes?

- Passei a orar ao Senhor quando eu levanto, quando eu vou dormir, a todo momento estou orando ao Senhor, louvo ao Senhor!

Outra interlocutora importante é Ariane, esposa do pastor Luan. Na época da pesquisa tinha 36 anos e havia se convertido há aproximadamente 11 anos. A entrevistada conta sobre a sua conversão e o que mudou na vida dela após esse evento.

- O que você fazia antes de se converter, e ao se tornar evangélica parou de fazer?

- Eu ia para festa, dançava, mas depois que me converti não faço mais isso. No momento em que eu me converti não pratiquei mais a dança.

- O que você passou a fazer após a conversão e que não fazia antes?

- Eu comecei a vender Avon, Natura, foi um jeito que eu encontrei pra sobreviver. Vendo roupas, também, pra criança.

- Antes você fazia a leitura de mão e venda de figas?

- Não. Nunca fiz, eu não sabia fazer essas coisas.

- Você acha que a conversão lhe tornou mais feliz?

- Sim. Na verdade mudou tudo, principalmente na vida conjugal, melhorou muito, sinto paz de espírito, a parte espiritual melhorou, o conhecimento de Deus, a fidelidade, cada dia mais nós vamos aprendendo mais da palavra, se derramando aos pés do Senhor, nós temos muito mais amor, convicção da nossa salvação.

A dança – outra prática tradicionalmente associada às mulheres ciganas e à sua socialização no contexto cigano – tal qual a leitura de mãos e a venda de figas – é outro elemento excluído no processo de conversão. O segundo aspecto mencionado pela entrevistada, mas não só por ela, nos fornece pistas interessantes sobre as razões que norteiam a conversão religiosa das mulheres ciganas: a possibilidade de melhorar o relacionamento com o companheiro, consequência do abandono de certas práticas consideradas vícios – cigarro ou bebida – ou práticas que podem comprometer a harmonia do casal – empréstimo de dinheiro, as brigas e vinganças, e a infidelidade do marido com mulheres não ciganas.

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

Márcia tem 28 anos (na época da pesquisa), é casada, tem uma filha e tinha, aproximadamente, três anos de convertida. Ela também relatou mudanças na sua vida devido à conversão religiosa.

- O que você fazia antes que ao se converter parou de fazer?
- É um bocado de coisa... Ouvia muita música do mundo, fazia as coisas que não devia, xingava palavrões, a gente não deve xingar palavrões, desrespeitava o próximo.
- O que mais?
- Gostava de ir pra festa, eu ia sempre para o arraial daqui, dançava as músicas do mundo, ficava atrás daqueles cantores do mundo.
- O que você passou a fazer depois da conversão?
- Comecei a respeitar mais o próximo, parei de falar certas palavras, parei de xingar os outros.
- Você acha que o convívio com a sua família melhorou após a conversão?
- Melhorou, não tem mais briga, não xingo, não maltrato ninguém.
- O que mudou após a conversão?
- Tirou toda ansiedade, eu era muito ansiosa, tirou toda tristeza, tirou todo rancor do meu coração, eu era muito rancorosa, se alguém fizesse alguma coisa pra mim de ruim, ficava com aquele rancor no meu coração, sabe?

A entrevistada evidencia em sua fala a performance pública e o temperamento das mulheres ciganas, os quais, por sua vez, são transformados após a conversão religiosa. Assim, mudar de religião não se limita apenas a troca de crenças sobre o sagrado, mas também apresentar mudanças relacionadas ao comportamento e atitudes do indivíduo.

Após apresentarmos as vicissitudes vividas pelas mulheres ciganas convertidas, discorreremos sobre a opinião dos não ciganos a respeito dessa conversão, vista, muitas vezes, como improvável devido a todo o preconceito, discriminação e estigma que cercam esses povos.

Assim sendo, perceberemos como os ciganos convertidos são vistos e descritos pelos não ciganos com quem interagem. Infelizmente, eles são bastante discriminados, não só no Brasil, mas em todo o mundo. No decorrer do artigo iremos trazer alguns aspectos das representações coletivas sobre a etnia cigana que contribuem para a

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

perpetuação de estereótipos, estigmas e preconceitos contra eles¹⁰. Veremos, também, um pouco sobre a identificação coletiva nos ciganos Calons de Cruz das Almas.

Carol, de 55 anos (na época da pesquisa), membro do Templo Batista, ofereceu um relato sobre a conversão cigana.

- Você acha que a conversão cigana realmente acontece?
- Eu creio que acontece, mas é como todo ser humano. Porque a conversão é uma coisa e a decisão é outra, às vezes a pessoa se converte de uma maneira, mas o viver não condiz com uma pessoa convertida, a conversão pode vir através de um louvor, de uma palavra, porém é de uma forma momentânea, não vive a palavra, o que a Bíblia nos ensina. Todavia, isso pode acontecer com qualquer ser humano.

Carol ressalta que, na verdadeira conversão, a pessoa deve agir conforme a Bíblia orienta, pois muitos indivíduos se convertem, mas não vivem a palavra, ou seja, não se comportam segundo os ensinamentos bíblicos. Todavia, os que seguem a palavra, estão, verdadeiramente, convertidos. No entanto, ao final, ela afirma que a conversão cigana acontece e é notória na vida dos ciganos que congregam no Templo Batista. Carol ainda frisa que o comportamento dos ciganos sofre uma mudança após a conversão e até mesmo a forma de falar e o temperamento deles são transformados, vendo isso como algo positivo até mesmo para as relações interpessoais.

Através das vicissitudes sofridas pelos ciganos evangélicos, percebemos que a conversão religiosa faz com que eles deixem de lado alguns aspectos da identidade que reforçavam a discriminação e o estigma, sendo, desta forma, a conversão usada como combate à discriminação e incentivando, por sua vez, a “regeneração moral” deste grupo, evitando assim os conflitos.

Ezequiel, tinha na época da pesquisa 56 anos, membro da Primeira Igreja Batista, apresenta seu relato sobre a conversão dos ciganos ao protestantismo.

¹⁰Ler: SOUZA, Mirian Alves de. Construções identitárias ciganas e codificações políticas na esfera pública. 2012. Disponível em: https://iiseminarioppgsufscar.files.wordpress.com/2012/04/souza_miriam-alves.pdf. Acesso em: 05 de abr. de 2017.

- Você acha que realmente os ciganos se convertem? Há uma transformação?

- Há uma conversão verdadeira, porque é necessário que cada ser humano acredite que Deus é o Senhor, é o salvador da sua vida e se torne uma nova criatura. Porque independente de raça, cor, posição social, etnia, todo homem é convidado a se arrepender do seu pecado. O homem passa a ter uma nova visão e isso é que faz a diferença na sociedade. Tanto faz que a própria palavra de Deus fala, “Quem está em Deus nova criatura é, as coisas velhas se passaram, eis que tudo se fez novo”, o mais importante é o ser humano se arrepender do seu pecado e aí é que o homem passa a ter uma nova visão espiritual, o importante é o ser humano dedicar a sua vida ao Senhor e as demais coisas o Senhor vai realizar na vida dele. Atualmente os ciganos tem sua casa própria, tem aqueles que tem casa própria e tem aqueles que permanecem em tendas. Essas pessoas que conhecem a Deus e procuram fazer a vontade do Senhor, o propósito e o objetivo de cada uma dessas pessoas é procurar fazer a vontade do Senhor e é procurar se enquadrar em um padrão social novo, e nesse novo abre-se mão das coisas velhas, ou melhor, das tradições velhas e para as coisas novas.

Ezequiel, por sua vez, utiliza-se de palavras bíblicas para explicar as vicissitudes sofridas na vida dos ciganos convertidos. O interlocutor ainda destaca que após as conversões, as tradições ciganas são rejeitadas para que novos costumes apareçam na vida deles, ou seja, com a conversão ocorre uma atualização da identidade cigana. O que outrora era aceito no contexto vivido por eles, após a conversão precisa ser revisto e sofre uma atualização. Essa atualização foi constatada nas palavras das ciganas entrevistadas, como, por exemplo, a leitura de mão e venda de figas foram relegadas após a conversão religiosa, e até mesmo o temperamento fora transformado.

Mariana, 46 anos de idade (na época da pesquisa) e membro da Primeira Igreja Batista, fala da conversão dos ciganos batistas.

- O que você acha da conversão cigana?

- Eu acho isso uma coisa excelente, maravilhoso, eles estão tendo sede do verdadeiro Deus. E com isso Deus tem mudado a vida deles e da família deles. Tem dado libertação e eles têm sido mais livres, e é um meio deles estarem mais inseridos na sociedade, porque a igreja é o meio social.

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

Mariana destaca que a conversão auxilia na inserção dos ciganos no meio social não cigano, como as igrejas. Todavia, isso não significa a inexistência, nesse meio, de preconceitos e discriminações em relação a essa etnia, uma vez que em uma das minhas entrevistas, uma senhora relatou que foi discriminada durante um culto, por uma pessoa não cigana ou “Jurin”¹¹. No entanto, Mariana, em um outro momento destacou que a conversão do cigano favorece a não exclusão, já que eles deixam de lado alguns hábitos que reforçam o estigma e o preconceito.

Segundo Manuela Cantón Delgado (2003. p. 182):

A lo largo de los últimos cuarenta años se han ido levantando un número espectacular de templos, capillas, iglesias, culto - por toda Andalucía que, llevados en su mayoría por pastores gitanos, vienen funcionando como espacios de hibridación cultural y de gestión desde dentro de las consecuencias más dramáticas de los procesos de cambio, y como espacios de lucha contra la exclusión social, política, económica, religiosa y simbólica.

Cantón Delgado, na citação acima afirma que as igrejas são espaços de combate à exclusão social, política, econômica, religiosa e simbólica. Eu concordo plenamente com Cantón, pois, posso ver nas igrejas, que os pastores promovem a inclusão social dos ciganos dentro e fora delas, assim como a inclusão na política, economia, no ramo religioso e simbólico.

Diego, tinha 49 anos de idade (na época da pesquisa), é membro da Primeira Igreja Batista, fala sobre a conversão dos ciganos.

- O que você acha dos ciganos estarem se convertendo ao evangelho?
- Isso é muito positivo, e eu acredito que acontece realmente a conversão, o pastor e a família dele e a maioria dos ciganos realmente se convertem e os ciganos amigos vão se chegando também. Eu tenho ido muito na congregação que o pastor cigano é responsável e a gente vê que a conversão é de coração. Você também pode observar que tem aqueles que são convertidos e aqueles que só frequentam por causa da esposa, pois as esposas não podem sair sozinhas. Você vê a diferença

¹¹ *Jurin* é como os ciganos denominam as mulheres não ciganas em sua língua, que é o *chibi*.

dos convertidos, você vê a forma que se comportam, principalmente as mulheres que ficam mais quebrantadas pra receber a palavra e os homens são mais duros. Eu acho que pela falta de fé eles ficam pensando: “- se eu me converter eu vou fazer o que? Se eu só sei fazer agiotagem? Se eu só sei fazer negócio, comprar e vender”, então isso é um dos empecilhos para eles se converterem. O pastor mesmo, quando se converteu foi uma barra, ele conversava comigo, pegou um carro, ficava na praça, e no dia ele não pegava ninguém no táxi, o povo chegava, pegava outro táxi e ele do lado só olhando, a situação é complicada, pra quem estava acostumado a pegar muito dinheiro... a situação é complicada.

Diego afirma que a conversão cigana é indubitável e de coração. O interlocutor destaca uma particularidade muito interessante, o fato de os ciganos irem acompanhando as suas esposas à igreja, apesar de não serem “crentes.” As esposas não podem sair sozinhas e muitos ciganos vão ao culto apenas para acompanhá-las, porém, eles, paulatinamente, vão sendo influenciados pelo discurso evangélico. Dessa forma, as mulheres ciganas utilizam-se da cultura para agenciá-la a seu favor, já que não podem sair sozinhas, acabam conduzindo os esposos para igreja, tendo como objetivo o abandono de certas práticas, como o empréstimo de dinheiro a juros, consumo de bebida alcoólica e a infidelidade que tanto aflige as *calins*¹².

Carol, tinha 55 anos (na época da pesquisa), membro do Templo Batista, fala um pouco sobre a conversão cigana.

- Você acha que a conversão cigana realmente acontece?
- Eu creio que a conversão acontece, eles mudam o jeito de falar com a gente, o agir é diferente. As ciganas são carinhosas comigo, me abraçam, me beijam, sabe? Devido a minha profissão eu conhecia algumas que hoje estão na igreja. Elas têm um pudor com relação ao corpo... é tão lindo isso... a forma como se vestem com pudor. Infelizmente ainda existe muito preconceito com relação a ciganos... mas tem muitos ciganos bons. Voltando à conversão, eu acredito que na verdadeira conversão o homem e a mulher devem seguir a Bíblia, o que está escrito na Bíblia e eles vivem isso.

10 *Calins* é a denominação usada pelos ciganos Calons para designar mulheres ciganas.

Segundo Carol, a conversão e a transformação realmente acontecem, porém é preponderante, é de grande importância destacar que nas igrejas evangélicas há uma distinção entre os que congregam na igreja (que já “aceitaram a Jesus”) e os frequentadores da igreja. No exemplo supracitado, as mulheres congregam e os maridos apenas frequentam a igreja, pois as suas esposas não podem ir sozinhas aos cultos. Por isso, a grande diferença entre congregados e frequentadores reside no fato dos que “aceitaram a Jesus” mudarem de comportamento, já os que apenas frequentam não tiveram essa mudança, mas podem ser influenciados pelo discurso evangélico e por suas esposas.

MUDANÇAS OCORRIDAS COM A CONVERSÃO RELIGIOSA

Com a conversão, muitos ciganos se dizem modificados, relatam que o Deus deles transforma a vida, que outrora eram errantes. A seguir, temos a entrevista de Rafael, filho de pai e mãe cigana, tinha 26 anos de idade (na época da pesquisa), é casado com Luzia, também cigana e evangélica, estudou até o terceiro ano do Fundamental I, e é membro do Templo Batista há 4 anos. Ele expõe as transformações ocorridas na vida dele.

- O que você fazia antes, que ao se tornar evangélico, você parou de fazer?

- É muita coisa... eu bebia... eu consumia drogas... fumava, bebia, pegava muitas festas... Caía na vida da prostituição, pegava mulheres...entendeu? O que eu mais louvo a Deus é ele ter me tirado das casas dos feiticeiros, ali só fez piorar a minha vida, só me enganava... Era um mal que nos engana... Através dos nossos testemunhos muitas almas se rendem a Deus. Assim como Deus me libertou ele vai libertar todos os ciganos, agora basta as pessoas quererem ser transformadas por Jesus. Eu fazia tudo, mas Jesus me transformou, não faço mais nada disso...

É inegável as inúmeras mudanças na vida e no cotidiano dos ciganos Calons de Cruz das Almas, após a conversão. E, não é diferente na conversão ao pentecostalismo na França e na Espanha; essas conversões têm servido como estratégia eficaz contra o abuso

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

no uso de drogas, por exemplo (SANTOS, 2001). As conversões ao pentecostalismo têm promovido muitas comutações socioculturais e tais mudanças extrapolam os limites dos cultos nas igrejas e trilham para o cotidiano dos ciganos. Porém, eles têm uma capacidade enorme de se adaptar às mudanças da sociedade dominante, permitindo preservar a sua autonomia através de costumes e tradições ancestrais (SANTOS, 2001).

Santos (2001, p. 532), em seu artigo “Ciganos evangélicos portugueses: a conversão ao pentecostalismo”, ainda ressalta:

A situação de extrema pobreza, sobretudo nos centros urbanos, a droga e a violência conduziram-nos a uma grave crise de identidade. A sua conversão ao pentecostalismo pode significar um renascer de um sentimento de pertença a um grupo, através da ideia de povo eleito, ligado ao discurso religioso, mas igualmente através de um sentimento de solidariedade, reforçado pela participação nos cultos.

Os ciganos convertidos do Recôncavo são enfáticos ao ressaltar o quanto Deus mudou a vida deles, como é possível comprovar no relato abaixo, proferido por Luzia, esposa de Rafael e também evangélica.

- Você acha que a pessoa se tornando “crente” muda as suas atitudes?
- Muda! Muda tudo, Jesus transforma...
- E o que mudou na sua vida?
- Mudou tudo, eu brigava muito e Jesus me transformou, brigava muito dentro de casa. Tinha muito rancor, mas Jesus me transformou, guardava muitas coisas no coração, coisas ruins. Deus transforma, Deus liberta, Deus salva, Deus cura, Deus é Deus nas nossas vidas...

A cigana Luzia relatou também o que mudou no ramo dos negócios ciganos após a conversão dela e do marido Rafael.

- E após a conversão o que mudou na vida de vocês?
- Depois da conversão tudo muda, não empresta dinheiro a juros, não mente mais, não rouba, tem que viver pela fé mesmo. Deixa de ser agiota, deixa de emprestar dinheiro a juros.
- E antes de se converter o seu esposo emprestava dinheiro a juros?

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

- Emprestava, sim, vendia relógio, vendia rádio, negociava muito o Rafael.
- Agora você faz o que para sobreviver?
- Agora nós vivemos pela fé, na verdade eu estou sobrevivendo de 220 reais que eu recebo do Bolsa Família. Aí nós ficamos orando a Deus, pra Deus abrir as portas de emprego pra o Rafael. A igreja também ajuda, dá cesta básica, a igreja já tem quatro anos nos sustentando.

Nessa entrevista, a cigana destaca as mudanças ocorridas na vida dela e do esposo, após a conversão. Convertidos, os ciganos param de praticar o empréstimo de dinheiro a juros, porém têm muita dificuldade para encontrar trabalho, principalmente, por carregarem um estigma e a sociedade manter uma visão estereotipada a respeito deles. No entanto, ela ressalta sobre o papel social da igreja, por doar cesta básica há mais de 4 anos a essa família.

Contudo, por Rafael e Luzia viverem uma vida difícil financeiramente, e ele ter tido envolvimento com drogas e quadro depressivo, acredito que com a conversão deles acabou renascendo um sentimento de pertença a um grupo, no caso, o grupo dos evangélicos. Outrossim, o sentimento de solidariedade existente no meio evangélico, tanto na doação das cestas básicas, como no apoio espiritual e fraternal ofertado, concomitantemente, pela igreja e por alguns irmãos, acabou reforçando a participação deles nos cultos.

Conforme sobredito por meio das entrevistas com os ciganos convertidos, muitas foram as mudanças ocorridas após a conversão. Destacando-se as transformações no temperamento, na forma de tratar o próximo, na cura da dependência química, na cura da depressão, mudança na forma de negociar etc. Não obstante, permaneceram os sinais diacríticos, tais como, o uso dos vestidos coloridos, o uso dos pentes no cabelo, o uso dos dentes de ouro, uso do ouro em colares, brincos, anéis (para as mulheres) e colares e anéis (para os homens), destacando ainda o vestuário diferenciado dos homens, que mesmo de uma forma singela, ainda trajam roupas chamativas por suas peculiaridades, a exemplo do paletó de cetim muito utilizado pelo pastor cigano, demonstrando que apesar de ser convertido, alguns elementos da cultura cigana permanecem.

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

Contudo, a conversão não acontece da mesma forma para homens e mulheres. Enquanto as mulheres apenas modificam seus temperamentos, a forma de tratar os demais, o abandono da venda de figas, leitura de mão e outros, o homem precisa abandonar sua única ou principal fonte de renda, o empréstimo de dinheiro a juros, e isso é um grande empecilho para que eles se convertam ao evangelho, pois ao se converterem deixarão de realizar essa atividade. Daí, a pergunta que não quer calar: como eles vão sobreviver? Como vão sustentar e manter suas famílias?

Destarte, muitos deixam de “aceitar a Jesus”, tornando-se apenas frequentadores da igreja e não congregados, frustrando muitas vezes as suas esposas. Além disso, os únicos homens convertidos foram à igreja em busca de cura física (câncer no pulmão), cura da depressão e dependência química e, por alcançarem a cura por meio da fé e da religião, decidiram se converter e abandonar as práticas condenadas pelas escrituras bíblicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado destaca um grupo cigano convertido ao protestantismo, em Cruz das Almas. Mas, é de suma importância destacar que o pastor cigano Luan e sua esposa Ariane, pertencentes à rede familiar estudada, foram os principais influenciadores da conversão desse grupo. Outro ponto de destaque foi a minha posição de privilégio, o fato de ser evangélica e casada facilitou bastante a minha aproximação com os interlocutores para adentrar nas casas das ciganas, já que essa era a primeira pergunta proferida (se era casada ou solteira) quando chegava no campo, principalmente, quando era cigana não evangélica. Tudo isso porque na cultura cigana do Recôncavo baiano, é permitido que o homem tenha relacionamento com várias mulheres não ciganas, ou *jurin*, como são denominadas por eles; e se eu não fosse casada poderia ser uma ameaça ao casamento delas, e um empecilho para o andamento da pesquisa. Dessa forma, tive esses dois pontos favoráveis durante a pesquisa e que me auxiliaram bastante.

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

Durante a pesquisa pude perceber as mudanças em algumas práticas peculiares à cultura cigana, tais como a venda de figas e leitura de mão pelas mulheres, abandono do comércio e o empréstimo de dinheiro, bebida e traições pelos homens, mas também permanências – nos vestidos, joias e uso do pente nos cabelos das ciganas, e atualizações como a participação delas no coral durante os cultos e em algumas outras práticas.

Nos primeiros relatos sobre a conversão é perceptível o quanto a vida dessas ciganas se transformou, a identidade foi atualizada e outros aspectos foram mantidos. Antes vendiam figas e liam a mão dos “clientes”, hoje vão a igreja e até mesmo cantam no ministério de louvor. As filhas tocam instrumentos no templo, se socializam com os demais membros da igreja, porém, tais fatos não extinguem os conflitos e até mesmo preconceitos. O orgulho de pertencimento à etnia é reforçado e eles fazem questão de afirmar que são ciganos evangélicos, nunca negando sua etnia.

Os dois homens ciganos convertidos buscaram na igreja evangélica a cura, e, por conquistá-la permaneceram na igreja. Mas, tiveram que abandonar as antigas práticas, como o empréstimo de dinheiro a juros e os negócios ilícitos. Um deles, hodiernamente, é pastor da igreja e o outro busca por empregos em restaurantes ou qualquer outra atividade laboral não “típica” para ciganos nessa região. Ou seja, tiveram que se atualizar.

Os “outros” (não ciganos) falam com muito entusiasmo sobre a conversão religiosa desses povos. Já os ciganos não evangélicos não demonstraram um olhar satisfatório na conversão do povo Calon, já que, durante as pesquisas, em minha presença, diziam considerar maravilhosa essa conversão religiosa, entretanto, em minha ausência, denominavam os convertidos de idiotas e atribuíam outros adjetivos pejorativos a eles. Assim, algumas ciganas evangélicas sofriam *bullying* no seu próprio grupo por serem “crentes”.

Foram inúmeras as transformações sofridas pelos ciganos, tais como, mudanças de atitude e comportamento (não falar palavrões, não destratar as pessoas, mudanças de hábitos ao não ingerir bebida alcoólica, não usar drogas ilícitas e mudanças de costumes ao não ter mais relações extraconjugais (no caso dos homens), não vender figas, deixar de praticar a quiromancia, dentre outras. Todavia, destacamos o que se manteve, como os

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

sinais diacríticos, os vestidos coloridos e com muitos enfeites, o uso do ouro em colares, anéis, brincos, a utilização do pente para prender o cabelo; além disso, ainda falam entre si o *chibi* (língua dos ciganos *Calons*), e as mulheres prestam obediência aos homens, sendo, por isso, considerada, por muitos, como uma cultura machista.

REFERÊNCIAS

BARTH, F. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. In: VERMEULEN, H.; GOVERS, C. **Antropologia da etnicidade: para além de Ethnic groups and boundaries**. Lisboa: Fim de Século, 1994.

CANTÓN DELGADO, Manuela. (2008). Los confines de la impostura. Reflexiones sobre el trabajo etnográfico entre minorias religiosas. **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, 2008, enero-junio, vol. LXIII, nº 1, p. 147-172, ISSN: 0034-7981.

GOMES, A. M. A. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. **Ciências da Religião - História e Sociedade**, 2011, 9(2). p. 148-174.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo iconográfico 2010/ dados gerais. Cruz das Almas-BA. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/NVH>. Acesso em: 11 jul. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Populacional 2014. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=28/08/2015&jornal=1&pagina=99&totalArquivos=248>. Acesso em: 28 ago. 2015.

MONTE, C. F. **Os ciganos pentecostais, movimento vigoroso**. [S.l.]: Monte Esperança, Fanhões, 2004. p. 3-4.

SANTOS, A. P. Ciganos evangélicos portugueses: a conversão ao pentecostalismo. In: **Anales de História Contemporânea**, 17. 2001.

SAYÃO, L. A. T. Uma avaliação sociológica do pentecostalismo e do neopentecostalismo contemporâneo. **Vox Scripturae**, v. IX, n. 1, dez. 1999. p. 87-88.

SHIMURA, I. **Ser Cigano: a identidade étnica em um acampamento Calon itinerante**. Londrina: Descoberta, 2017.

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277

SOUZA, A. F. de. Conversão: Uma discussão sobre troca cultural e assimilação da religião cristã. **Textos & Debates** - Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, n. 19, 2012. p. 85-104.

SOUZA, Mirian Alves de. **Construções identitárias ciganas e codificações políticas na esfera pública.** 2012. Disponível em: https://iiiiseminarioppgsufscar.files.wordpress.com/2012/04/souza_miriam-alves.pdf. Acesso em: 05 abr. 2017.

Recebido em: 02/06/2021 Aprovado em: 08/10/2021
--

Conversão religiosa e manutenção e atualização da identidade étnica cigana –
Maráisa Lisboa de Souza – p. 256-277